



LUÍS NAZARÉ
Gestão está bloqueada pelos influencers organizacionais
OPINIÃO 26



Área: 546cm² / 29%

Tiragem: 16.981

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7236253

OPINIÃO

AQUECIMENTO GLOBAL



LUIS NAZARÉ
Economista; Professor do
ISEG/ULisboa

A FIGURA DO MÊS

O primeiro-ministro da Austrália é um homem com ambições. A principal é a de ficar para a História como o continuador das ideias de Donald Trump. E tornar a Austrália *great, of course*.

A sua trajectória é coerente. Oriundo dos meios conservadores protestantes, ascendeu a figura de proa do Partido Liberal e distinguiu-se, ainda como simples ministro da Imigração e Protecção de Fronteiras, pela operação *Sovereign Borders*, uma espécie de barreira à entrada de imigrantes ao estilo do muro de Trump.

Há dois anos, ascendeu a primeiro-ministro e acelerou o passo. Errático no posicionamento geoestratégico (ora o Japão, ora França, ora os Estados Unidos), acaba por se colar a Joe Biden e formar, com o Reino Unido, a aliança militar tripartida AUKUS. Negacionista velado, adepto da expansão dos combustíveis fósseis, não participará na próxima cimeira COP26 sobre alterações climáticas. *Et pour cause* – a Austrália é um dos maiores poluidores do mundo per capita e Morrison não se envergonha disso. ■



SCOTT MORRISON
Primeiro-ministro da Austrália

NÚMERO DO MÊS

Acsovoar há mais de 450 milhões de anos, os insectos podem estar à beira do apocalipse. É o que pensa Dave Goulson, professor de Biologia da Universidade de Sussex e autor do livro *Silent Earth: Averting the Insect Apocalypse*. Num artigo publicado no jornal britânico *The Guardian*, Goulson lança um forte alerta para o brutal declínio na população planetária de insectos.

Na Alemanha, o número de insectos terá diminuído em mais de 75% nos últimos 25 anos, atingindo especialmente borboletas (de todas as espécies) e abelhas. Nos Estados Unidos, a famosa borboleta-monarca conheceu um declínio superior a 80%, colocando-a à beira da extinção.

Entre nós, são igualmente conhecidos os avisos dos apicultores portugueses face ao pronunciado decréscimo do número de enxames de abelhas, além das quebras visíveis noutras populações de insectos, como os pára-brisas dos nossos automóveis podem constatar. Essenciais para o equilíbrio biológico do planeta, a sua diminuição não parece, porém, preocupar os grupos de interesses ligados à agricultura intensiva, que negam as evidências científicas. ■

450
MILHÕES DE ANOS

Os novos tyrannosaurus

A revolução tecnológica em curso não se faz só sentir nos hábitos dos consumidores e nas linhas de produção. Os seus efeitos têm produzido fortes alterações na gestão organizacional, em especial nos processos de decisão. Na esfera empresarial, como na administração pública, a hierarquia de poderes já não encaixa na lógica formal dos organogramas. As tecnoestruturas regeneraram-se, há novas áreas de poder assentes em competências que as superestruturas não dominam. Nas organizações de médio e grande porte, a gestão de topo vê-se confrontada com constrangimentos e bloqueios provocados pelos novos *influencers* organizacionais.

1. Os sistemas de informação ocupam hoje um lugar central nos dispositivos de gestão. A sua preponderância é visível em todas as áreas funcionais – da produção à financeira, do marketing à inovação, dos recursos humanos à comunicação. A dependência tecnológica e a sofisticação dos sistemas conduziram à emergência de uma nova casta de especialistas digitais, dos quais depende em larga medida o funcionamento da máquina e a eficiência dos processos. Qualquer decisão de fundo tem de

A dependência tecnológica e a sofisticação dos sistemas conduziram à emergência de uma nova casta de especialistas digitais.

passar pelo escrutínio dos senhores da lógica computacional. A mínima objecção de aparência técnico-científica, a mínima reserva quanto à consistência do edifício digital por eles construído e mantido, fulmina qualquer projecto oriundo de castas “inferiores”, as não especializadas em bits, onde se incluem normalmente as primeiras linhas da gestão. É o reino dos *tyrannosaurus technologicus*.

2. As transformações tecnológicas, económicas e sociais ocorridas desde os anos 80 do século passado tiveram igualmente reflexos ao nível das regras formais de funcionamento da sociedade. A malha jurídica densificou-se brutalmente – por boas e más razões –, enquanto o contencioso e a litigância dispararam, para satisfação das sociedades de advogados e desespero do ineficiente aparelho judicial.

Assim, os departamentos jurídicos têm construído novos redutos, posições defensivas com amplo poder de fogo e capacidade de bloqueio. A mais pequena decisão de gestão é dissecada ao pormenor, espada justificou em riste e um ameaçador arsenal de códigos para todos os medos e interpretações à medida. É o reino dos *tyrannosaurus juridicus*.

3. Os dois espécimes estão igualmente presentes, de garras afiadas, na máquina pública. Mas aqui junta-se um terceiro – a burocracia. Velha como as instituições e campeã da resiliência, pouco foi afectada pela informatização de processos e serviços públicos, já que por trás de um clique há sempre um funcionário zeloso dos seus pequenos poderes.

Na administração central, nas autarquias, nos organismos autónomos, em tudo o que é público, o bicho burocrático está presente. Com a agravante de ter capturado os quadros mais jovens, os que em teoria lhe deveriam resistir e que na prática se deixam vencer. A inexperiência, o medo, a influência psicológica do populismo, a ilusão de poder e o comodismo falam mais alto. É a ditadura dos juniores, a que os mais experientes não ousam pôr cobro, por medo do *tyrannosaurus burocraticus*. ■



Artigo em conformidade com o antigo Acordo Ortográfico